

CULTURA JUVENIL NA ESCOLA E OS MODOS VER E SER VISTO NAS IMAGENS DE CELULARES

Clícia Tatiana Alberto Coelho
PPG/UFPB/UFPE

Erinaldo Alves do Nascimento
UFPB

ISSN 2316-6479

Resumo

A dispersão de discursos a partir das imagens de telefones celulares é o foco deste artigo. A pesquisa analisou narrativas visuais e orais dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e das professoras de artes de uma escola pública, em Macapá/AP, ao se verem e serem vistos pelas imagens que armazenam em seus telefones móveis. Os dados foram analisados a partir de um estudo qualitativo de métodos mistos, empregando um estudo de caso com entrevistas individuais, discussão em grupos focais e a análise de discurso orientada por alguns enfoques da Educação da Cultura Visual.

Palavras-chave: Cultura juvenil, Narrativa, Imagem de celular, Cultura visual

Abstract

The dispersion of speeches from images of cell is the focus of this article that analyzes visual and oral selected narratives according to the regularity present in the modes of students in the 9th grade of elementary school to watch and / or be seen by the pictures they store on their phones. To do so, perform a qualitative mixed methods study, featured as a case study that explored individual interviews, focus group discussion and discourse analysis guided by the Education Visual Culture bias.

Keywords: Youth Culture, Narrative, Cell phone image, Culture visual

Introdução

Este estudo faz parte das investigações produzidas pelo Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais, associado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – UFPB/UFPE – e vinculado ao Departamento de Artes Visuais, da UFPB (GPEAV-PPGAV-DAV-UFPB). É um recorte das reflexões realizadas na dissertação de mestrado de Clícia Coelho (2013), intitulada: *Imagens de celulares e práticas culturais juvenis no cotidiano escolar*, produzida no referido Programa, sob a orientação do prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento (UFPB). Teve como objetivo analisar as narrativas visuais (fixas e móveis) e orais que um grupo de estudantes do 9º ano, de uma escola pública, em Macapá/AP-BR, armazenava e transportava diariamente, nos seus telefones celulares e como as professoras de Arte desta escola relacionavam-se com tais imagens.

As investigações contaram com as colaborações diretas de dois grupos respondentes: os docentes de Arte e os estudantes do 9º ano, ambos, da Escola Estadual Antônio Cordeiro Pontes (ACP), da cidade de Macapá/AP. As entrevistas foram balizadas pelo enfoque qualitativo da pesquisa social, com delimitação de um estudo de caso, que explorou notas de campo, entrevistas individuais e focalizadas. Recorremos à análise do discurso de base pós-estruturalistas para discutir sobre cultura juvenil, cotidiano escolar, cultura visual, relação entre o saber e o poder, e, outros temas correlatos como identidade, diferença e processos de subjetivação (COELHO, 2013).

1. Primeiras tessituras

As discussões foram iniciadas a partir do reconhecimento da importância agregada à imagem na sociedade contemporânea e as diferentes possibilidades de dispersão de discursos. Compreendemos que a imagem é aquilo que imita ou representa pessoas ou coisas, ou seja, é a representação mental ou física de qualquer forma (MICHAELIS, 1998). Nesse mesmo enfoque, Kerry Freedman (2005, p. 126) afirma que “imagens são uma forma poderosa de representação”. O que nos leva a inferir também, que a imagem é a materialização da visualidade, ou seja, é a transformação do já visto e/ou pensado em imagens.

Na dinâmica da recepção e da produção da imagem, a visualidade relaciona-se com um feixe de fatores históricos, sociais e culturais. Quando ocorre a interação do receptor ou do produtor com as imagens estabelecem-se novas formas de visualidades.

A farta veiculação de imagens armazenadas nos telefones celulares pelos jovens estudantes despertaram o nosso interesse. Passamos a analisar as implicações e os deslocamentos desse uso a partir de um questionamento básico: as imagens armazenadas pelos jovens estudantes também têm o potencial de “armazená-los”?

A pertinência deste questionamento comunga com a ideia de que a imagem constitui-se por uma dinâmica cultural mediadora de poderes psíquicos e sociais sobre os sujeitos. O uso metafórico do termo “armazenar” está associado com a noção de sujeito e de subjetivação.

Etimologicamente, sujeito vem do latim *subjectum*, que significa “posto debaixo”; “o que se encontra na base”. Tomando-se a noção de sujeito e associando-a com a de subjetividade, ou seja, com os modos pelos quais nos tornamos sujeitos, é possível pensar em um sujeito que está “debaixo” de convenções construídas culturalmente e, a um só tempo, na base da formulação

das resistências e da busca por liberdade. Comunga-se com ideia de que os sujeitos são produtores de saberes e, simultaneamente, subjetivados e objetivados pelos saberes que produzem (NASCIMENTO, 2005).

Em relação a esta pesquisa, podemos afirmar que os jovens estudantes armazenam as imagens nos seus telefones celulares como uma forma de resistência e de liberdade em relação ao discurso pedagógico vigente e, simultaneamente, são armazenados pelas imagens que selecionam. As imagens armazenam e fazem projeções, modelando suas subjetividades. O termo “armazenar”, usado metaforicamente, alude às escolhas e introjeções processadas a partir das imagens que os jovens podem fazer para serem e se autodefinirem como sujeitos e como adolescentes, como estudantes e como pertencentes à cultura juvenil.

2. Regularidades armazenadas nas narrativas visuais e orais dos estudantes

Consideramos como narrativas as imagens (fixas e móveis) dos celulares dos estudantes assim como as histórias orais contadas a partir delas. Segundo o dicionário Michaelis (1998), a palavra narrativa significa um modo de narrar, contar e de historiar. Narração consiste no ato ou efeito de narrar, contar, descrever e discursar. É a exposição verbal ou escrita de um ou mais fatos. É um tipo de discurso no qual o orador divide e desenvolve o assunto.

Para Raimundo Martins (2009, p. 33), narrativas são:

[...] manifestações orais, escritas, sonoras e visuais que se organizam a partir de uma sucessão de episódios ou ocorrências de interesse humano que integram uma mesma ação. Uma sequência de ideias articulada através de palavras faladas ou escritas, e/ou através de sons e imagens é condição para que uma manifestação seja reconhecida como narrativa.

Ouvindo ou contando histórias, cotidianamente, as pessoas utilizam diferentes modos de narratividade. Ao narrar casos, fatos e ocorrências sobre coisas que existem no mundo, fala-se da vida, do outro e de si mesmo, imerso na história. As narrativas elaboradas a partir de imagens fixas e móveis são exemplos de diferentes formas de reinventar a vida e os acontecimentos (MARTINS, 2009).

Ao analisarmos as imagens dos celulares dos estudantes e a histórias contadas a partir delas, percebemos a existência de regularidades nos discursos que justificam o armazenamento. Constatamos a persistência em armazenar arquivos advindos da cultura de massa, principalmente, aqueles que fazem parte da mídia - do conjunto dos meios de comunicação social atuais, como: imprensa

radiofônica, televisiva, publicação na Internet, satélite de telecomunicação, etc. São imagens que versam sobre situações cotidianas, vinculadas às vivências, preferencialmente, da cultura juvenil.

A concepção de cultura de massa pode ser baseada nas prerrogativas de NéstorCanclini (1998). Nesta perspectiva, o conceito de cultura de massa está imbricado com aspectos multiculturais e se desdobra em uma “nova” demanda que pode ser chamada de culturas híbridas. A hibridização pode ser associada às representações culturais juvenis, às ações que movem esse público heterogêneo, transeunte, fortemente impregnado pela mídia, que se alimenta da ambivalência entres diferentes modos de fazer e produzir cultura.

Compreendemos os modos de ver e de ser visto pela imagem como construções discursivas tramadas em redes sociais. Demarcamvariáveis como classe, identidade, etnia, faixa etária, gênero, costumes, preferência sexual e religião, entre outras.

Para Nascimento (2011, p. 214), “o discurso, tal como as imagens, são vistos como uma prática, resultante das relações de saber e poder. As imagens, de qualquer tipo, veiculam significados porque fazem parte do processo de dispersão do discurso”.

Na ótica de Michel Foucault (2008), a articulação entre o poder, o saber e a verdade insere o discurso no interior de uma ‘ordem’. Ou seja, o discurso é compreendido como um conjunto de enunciados verbais, articulados como performances, como algo que desempenha um papel. Apresenta-se como prática discursiva. Os enunciados são instáveis e reconhecidos como ordens de luta e regulação. Segundo o autor, “a verdade não existe fora do poder ou sem o poder [...] A verdade é deste mundo, ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (FOUCAULT, 2008, p. 12, grifos do autor).

O processo de interpretação de imagens é ativo e dinâmico. Em razão disso, Hernández (2000, p. 136) afirma: “diante da cultura visual, não há receptores nem leitores, mas construtores e intérpretes na medida em que a apropriação não é passiva nem dependente, mas interativa e de acordo com as experiências que cada indivíduo tenha experimentado”.

Para analisar as imagens armazenadas nos telefones celulares, servimo-nos da sistematização elaborada por Teresinha Franz (2003), pautada em âmbitos não hierárquicos, identificados como: histórico-antropológico;estético-artístico; pedagógico; biográfico e crítico-social. Estes âmbitos foram complementados com questionamentos feitos por Nascimento (2011): que saberes são validados pelas imagens? Quais saberes são produzidos na relação com as imagens? O

saber de quem e para quem? Como as imagens mostram tais saberes? Quem são os sujeitos destacados ou excluídos na imagem? Quem fala ou quem está autorizado a falar? Como as imagens são mostradas? O que pode estar sendo ou não dito na imagem ou a partir dela? Como as imagens se relacionam com o que penso, vejo, ajo e digo?

3. Discursos dispersos a partir das regularidades das narrativas

Expomos a análise de algumas narrativas visuais e orais, dentre várias amostragens, exemplificando uma regularidade discursiva. Começamos pelo vídeo chamado “MegaFight. 3 (Grande luta), armazenado no telefone celular, gentilmente cedido por uma aluna colaboradora da pesquisa. O trecho da música abaixo: *Champanhe e água benta*, da banda de rock brasileira, Charlie Brown Jr é a trilha sonora do vídeo.

[...] Vem, vem com tudo, me leva pro seu mundo. Toda patricinha adora um vagabundo. Se fui pobre não me lembro, se fui rico me roubaram. Meu esporte predileto é o mesmo do Romário. Não tão complicado demais. Mas nem tão simples assim [...] Tomo banho de banheira com champanhe e água benta [...] (BROWN JR, 2014).

Este vídeo (Figura 1), de autoria desconhecida, teve algumas de suas cenas selecionadas e manipuladas a fim de ilustrar a narrativa. Tem duração de 1min. e 14 seg. Apresenta baixa qualidade na resolução da imagem e som original, característica que não impede a sua compreensão. O áudio original foi editado e sobreposto por um som de ritmo forte e de compasso dinâmico. Retrata um episódio verídico de uma briga corporal entre duas adolescentes, trajando uniformes escolares diferentes. As cenas não mostram placas ou letreiros identificando a escola. A identificação institucional só foi possível por meio dos relatos dos estudantes e pela pesquisa de campo.



Figura 01 – Cenas do vídeo MegaFight. 3

Fonte: Arquivo dos autores

Apesar da “briga” ocorrer em frente à Escola Estadual ACP, é possível perceber que as adolescentes, protagonistas da luta, não são estudantes deste estabelecimento de ensino. Isso se depreende porque as duas usam a farda de duas escolas próximas da instituição mencionada.

O evento, que parece ter ocorrido durante o “recreio”, conta com a presença de outros estudantes, espectadores, que se aglomeram para assistir, incentivar e filmar com as câmeras de seus celulares. É possível notar que durante alguns segundos, a “briga” acontece sem a interferência de outras pessoas e, somente depois, outras adolescentes entram em cena para apartar o confronto.

Segundo a aluna que cedeu o arquivo, o vídeo foi obtido por intermédio de um colega de classe, via o sistema *Bluetooth*, trocado entre celulares. Jujuba¹ relatou que não estava presente no dia deste episódio, mas ressaltou que situações como a do vídeo são muito comuns de acontecer no dia-a-dia da escola. No diálogo abaixo a colaboradora explica como, geralmente, as “brigas” acontecem.

Jujuba: Às vezes, alunos de outras escolas ficam aí na frente da escola. E, às vezes, é só pra brigar. Já vi mais briga de meninas por causa de namorado. A senhora sabe como é. (Risos). Isso é muito comum. Às vezes, é só pra zoar... Brincar. A senhora sabe como é. Coisas de adolescente. (Risos). Muitas vezes, são os colegas que ficam mandando elas brigarem. Só pra ver a briga e filmar. Só de brincadeira.

Pesquisadores: Então a briga do vídeo era só uma brincadeira?

Jujuba: Não, não. Essa aí foi de verdade. Por isso que todo mundo tem nos celulares. Eu conheço essas meninas. Uma é lá do Azevedo e a outra é aí do Barão. Elas vêm pra cá por causa dos meninos. A senhora sabe né. (Risos). Tipo assim... Elas querem ficar com os meninos daqui. É Isso.

É interessante notar que este vídeo também faz parte dos arquivos coletados em campo com o aluno colaborador Carlos. Nesta ocasião, detectamos a existência de outro vídeo, intitulado: *Carol vs Talita* (figura 02), retratando outra “briga” entre duas adolescentes, também trajando uniformes escolares.



Figura 02 – Cenas do vídeo: Carol vs Talita – Arquivo cedido pelo aluno colaborador Carlos
Fonte: Arquivo dos autores

1 Os nomes dos colaboradores são fictícios por questões éticas da pesquisa e suas falas são destacadas no texto com formatação diferenciada.

Segundo Carlos, a preferência por arquivos desse tipo deve-se ao fato de se conhecer as adolescentes protagonistas dos vídeos e por ser algo que todos os seus colegas de turma e outros amigos gostam de ver. Ele afirma já ter filmado cenas de brigas com seu telefone celular e, também, ter trocado com outras pessoas por *Bluetooth*, ou ter baixado diretamente da Internet vários arquivos dessa natureza.

Acontecimentos como estes estão associados às peculiaridades históricas e sociais que envolvem as culturas juvenis, demarcada por uma transição entre a construção de identidade e a definição de projetos da vida adulta. A construção da identidade não ocorre de maneira estanque e desvinculada do meio em que se vive. Criar expectativa ou projetar o futuro não é uma tarefa alheia ao cotidiano. Seus gostos, suas maneiras de pensar e agir são mirados, tomados como exemplo ou não, outros projetos de vida. Em consonância com o exposto, Novaes (2007, p. 08) afirma:

a juventude é como um espelho retrovisor da sociedade. Mais do que comparar gerações é necessário comparar as sociedades que vivem os jovens de diferentes gerações. Ou seja, em cada tempo e lugar, fatores históricos, estruturais e conjunturais determinam as vulnerabilidades e as potencialidades das juventudes.

Refletir sobre as motivações e interesses que levam os jovens a fazerem escolhas de comportamentos e atitudes, requer uma contextualização sistêmica e conjuntural de cada ação na sociedade. Quanto aos fatores que podem influenciar no comportamento dos jovens, apontamos os altos índices de violência.

O *Mapa da Violência 2012 - Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil*, coordenado pelo sociólogo Julio Waiselfisz (2012), mostra que, em 2010, o Amapá foi o 5º Estado mais violento do país, com uma taxa de assassinatos de 38,7 por 100 mil habitantes.

A pesquisa ainda revelou que os homicídios de crianças e adolescentes de um a 19 anos de idade, no estado do Amapá, em 2009, foram de 42 casos e, em 2010, foram de 65. Aponta, também, que no Brasil, em 2011, os índices de atendimentos desse público de zero a 19 anos, por violência, segundo o local de ocorrência e faixa etária das vítimas, foram de 63,1% na residência, 4,7% na escola, 1,9% no bar, 18,1% na via pública e 12,2% em outros.

Estes dados exibem a situação de risco que crianças e adolescentes vivem de maneira direta ou indireta. Independentemente de localização geográfica e condição econômica e social. A violência é uma das principais causas de desestabilidade psicológica que aflige os jovens. É interessante notar o fascínio

que as situações de risco exercem sobre esse público, tornando-o alvo fácil de envolvimento.

A constatação de que a violência começa dentro de casa e se alastra para as outras situações da vida, só reforça a ideia de que a identidade juvenil é construída todos os dias, mas, que também segue padrões de existência e de pertencimento, mesmo parecendo desconexos. Para compreender essa dinâmica é importante compreender que:

[...] o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade' (BAUMAN, 2005, p. 17, grifos do autor).

As motivações que desencadeiam, nos jovens, vontades, escolhas e interesses de fazer parte desse ou daquele grupo, tribo ou gangue, são todos os dias negociáveis e revogáveis, ou seja, não é necessariamente uma condição sem alternativa. No entanto, os embargos da vida como: ser menor de idade, dar satisfação aos adultos, ter dependência econômica, e ainda fazer parte, ser incluído e aceito por outros jovens, não são tarefas fáceis de lidar. As escolhas, nessa fase da vida, são frequentemente guiadas por projeções pessoais no outro ou em um grupo, não simplesmente como 'válvula de escape', mas, por questão de desejo e amadurecimento para a vida adulta.

A figura 03, frame do vídeo *MegaFight. 3*, retrata o momento em que três jovens, do sexo masculino, trajando o mesmo uniforme escolar de uma das adolescentes protagonistas da briga, são flagrados filmando a cena, provavelmente, com a câmera de seus telefones celulares.



Figura 03 – Cena/destaque do vídeo *MegaFight3*
Fonte: Arquivo dos autores

A atitude deflagrada por estes jovens, associada ao fato de o episódio atrair a atenção ou ser provocado e excitado pelos espectadores, são exemplos de como a espetacularização da vida pública e das mazelas sociais, como a violência e a conduta antiética, são muitas vezes, banalizadas e vistas como mais uma possibilidade de ‘curtição’.

Porém, o fenômeno da espetacularização da vida pública e a banalização dos problemas sociais não são próprios da condição juvenil. Ao contrário, atinge todas as esferas geracionais porque fazem parte do conjunto dos discursos que se encontram posicionados em determinados momentos históricos, políticos, econômicos, que operam governos, subjetividades e processos de sujeição (FOUCAULT, 2008). Nessa miragem, a juventude, como uma construção social, só reflete o que emana da sociedade.

Para os jovens, em especial, os adolescentes, existem incongruências entre as “lições de moral” previstas e ensinadas pelos adultos e suas reais ações na sociedade. Durante a entrevista focalizada com os estudantes colaboradores da pesquisa, uma aluna enfatizou essas contradições dizendo:

Pan: O jovem vai muito pela curiosidade. A gente tem curiosidade de ver e fazer as coisas. Os pais, os adultos fazem e não querem que o jovem faça também. Tem muito adulto fazendo coisa errada por aí.

Ao aproximar a fala desta aluna, o lugar onde o vídeo *MegaFight*. 3foi filmado, ou seja, na calçada da Escola ACP, provavelmente no horário do recreio, percebemos e confirmamos a ideia da existência de um grande deslocamento entre os discursos engendrados pelas organizações – família, escola, igreja, que são gestoras da “ordem” e da “moral” – e as práticas culturais dos jovens. Conforme demonstra o vídeo, os adolescentes saem de dentro da escola (órgão regulador) e vão paraafrente ou para o seu entorno, (des)praticar, (des)subjetivar e negligenciar as normas que acabaram de ‘aprender’, mais precisamente, ensinadas por professores, também, disciplinados por suas disciplinas curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordamos com Forquin (1993) quando considerar que a transmissão ou a mediação dos saberes entre as gerações no contexto escolar, ocorre de maneira conflituosa, principalmente, quando o conhecimento é restrito a conteúdos impostos de maneira dissociada da realidade de quem aprende e de quem ensina. Nessa ótica, não existe sentido na relação de ensino e aprendizagem uma vez que “ninguém pode ensinar verdadeiramente se não ensina alguma coisa que

seja verdadeira ou válida aos seus próprios olhos” (FORQUIN, 1993, p. 09). Ainda assim, existiria a dúvida se ensinar de um determinado modo, não poderia ser melhor compreendido se fosse transmitido ou mediado de outra forma ou sobre outra miragem. Outra miragem pode surgir de uma apropriação e de valorização das imagens guardadas nos celulares dos estudantes. Outra miragem pode surgir do aproveitamento do potencial dos telefones celulares e sua utilização nos processos de ensino e aprendizagem. Quantas outras miragens podem surgir de uma escuta atenta e envolvente dos questionamentos dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.
- BROWN JR, C. Disco: *Tamo Aí na Atividade*, ano: 2004. Disponível em: <<http://letras.mus.br/charlie-brown-jr/76615/>>. Acesso em: 10 out. 2012.
- CANCLINI, N. G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução: Heloísa P. Cintrão e Ana Lessa. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- COELHO, C. T. A. *Imagens de celulares e práticas culturais juvenis no cotidiano escolar*. 2013. 167f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- FRANZ, T. S. *Educação para uma compreensão crítica da arte*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.
- FREEDMAN, K. Currículo dentro e fora da escola: representações da arte na cultura visual. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 126-142.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 25ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.
- FORQUIN, J.C. *Escola e Cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- HERNÁNDEZ, F. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Tradução: Jussara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- _____. *Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- _____. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. Tradução: Danilo Clímaco. In: MARTINS, R.;

TOURINHO, I. (Orgs.) *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 31-49.

MARTINS R. Narrativas visuais: imagens, visualidades e experiência educativa. In: *Imagem em deslocamento: educação e visualidade*. Revista VIS, V. 8, nº. 1. PPGA/UNB. Ed. Brasil, Brasília, 2009, p. 33-39.

MICHAELIS, *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

NASCIMENTO, E. A. Mudanças nos nomes da arte na educação: qual infância? Que ensino? Quem é o bom sujeito docente? São Paulo, 2005, Tese (Doutorado em Artes), Universidade de São Paulo.

_____. Singularidades da educação da cultura visual nos deslocamentos das imagens e das interpretações. In. MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009, p. 209-226.

NOVAES, R. Juventude e Sociedade: Jogos de Espelhos. In: *Sociologia Especial: Juventude Brasileira*. São Paulo, Ed. Escala, Col. Ciência&Vida, Ano I, n. 2, 2007.

WASELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2012*. Instituto Sangari, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2012.php>>. Acesso em: 25 out. 2012.

Minicurrículos

Clícia Tatiana Alberto Coelho é graduada em Licenciatura Plena em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá (2003), especialista em Metodologia do Ensino da Arte com Complementação ao Magistério Superior pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (2005), mestre em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE (2013) e professora de Artes da rede pública estadual do Estado do Amapá.

Erinaldo Alves do Nascimento é graduado em Licenciatura em Educação Artística pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1988), mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (1999), doutor em Artes pela Universidade de São Paulo (2005) e professor associado da Universidade Federal da Paraíba, lecionando na Licenciatura em Artes Visuais (UFPB) e no Mestrado em Artes Visuais (UFPB/UFPE).